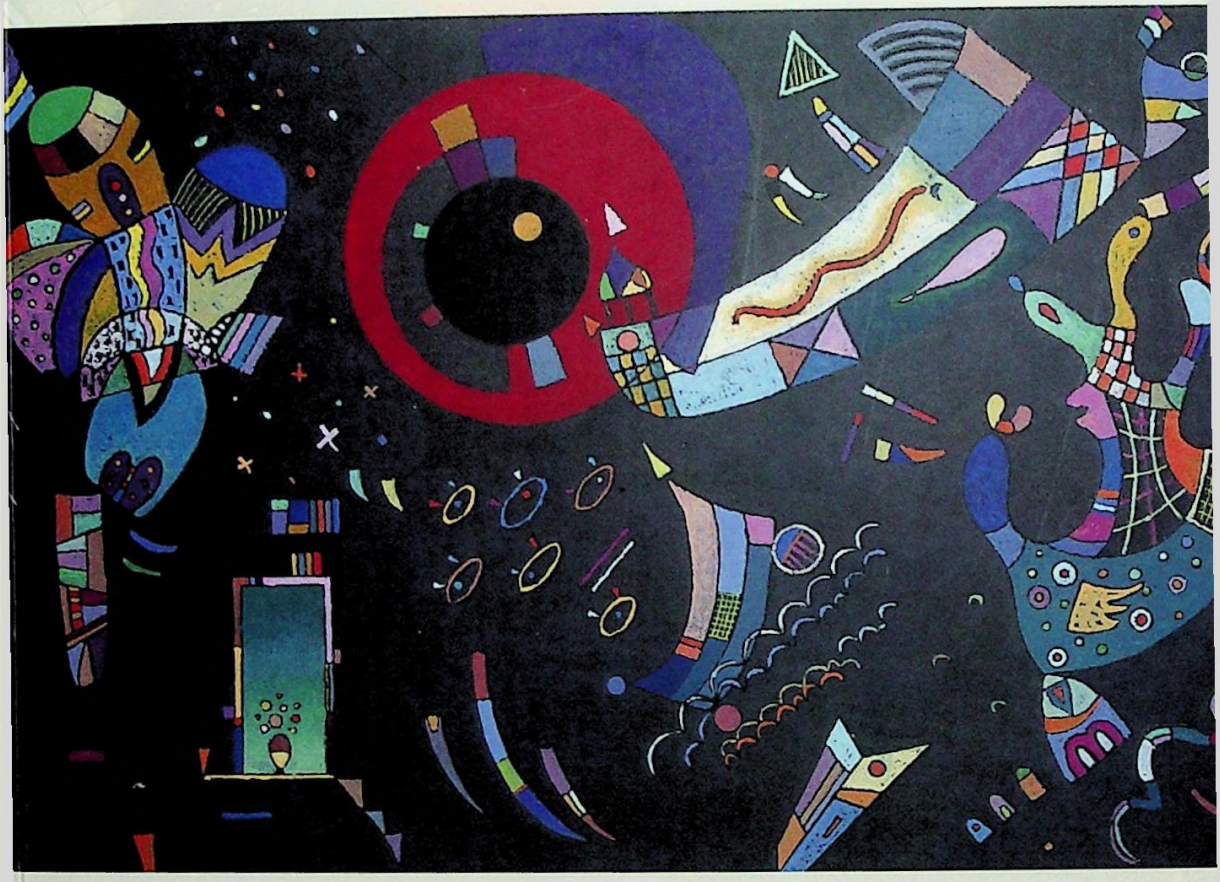

ENTRE A CASA E A CIDADE

Múltiplas escalas geográficas e fragmentação socioespacial

EVERALDO SANTOS MELAZZO (Org.)

CONSEQUÊNCIA

CAPES

ENTRE A CASA E A CIDADE

MÚLTIPLAS ESCALAS GEOGRÁFICAS E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

EVERALDO SANTOS MELAZZO
(organizador)

Dedalus-Acervo-IAU
93000008094

ENTRE A CASA E A CIDADE

MÚLTIPLAS ESCALAS GEOGRÁFICAS E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

Instituto de Arquitetura e Urbanismo
BIBLIOTECA
IAU - USP

CONSEQUÊNCIA

Class. 711,40981
Cutter. E61e
Tombo 5950
Sysno 3261974

© 2025, dos autores

Direitos desta edição reservados à
Consequência Editora
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
ed@consequenciaeditora.com.br
www.consequenciaeditora.com.br
BlogdaConsequência

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei no 9.610/98).

Conselho editorial
Alvaro Ferreira
Carlos Walter Porto-Gonçalves *(In memoriam)*
João Ferrão
João Rua
Marcelo Badaró Mattos
Márcio Piñon de Oliveira
Marcos Saquet
Martina Neuburger
Ruy Moreira
Timo Bartholl

Coordenação editorial e projeto gráfico: Consequência Editora

Revisão: Cristiane Fogaça

Diagramação: Oliveira e Filho

Capa: Tiago Rodrigues

Imagem de capa: Wassily Kandinsky, *Around The Circle*, 1940

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

E61 Entre a Casa e a Cidade: Múltiplas escalas geográficas e fragmentação socioespacial / organizado por Everaldo Santos Melazzo. - Rio de Janeiro: Consequência Editorial, 2025.
622 p. : il. ; 15,5 x 23cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-65-83435-06-4

1. Geografia. 2. Casa. 3. Cidade. 4. Escala. 5. Fragmentação. 6. Socioespacial. 7. Melazzo. I. Melazzo, Everaldo Santos. II. Título.
2025-651

CDD 910
CDU 91

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

PREFÁCIO

A constatação de uma mudança socioespacial nas cidades brasileiras, denominada de fragmentária, é a contribuição central do livro *Entre a Casa e a Cidade: Múltiplas Escalas Geográficas e Fragmentação Socioespacial.* Ao reconhecer o atual fenômeno, apresenta a ruptura em curso do referencial de unidade que esteve na base do planejamento, do projeto, da construção e da produção urbana, por séculos. Para o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), na crítica da razão pura, a forma de um todo reside na unidade dos conhecimentos sob uma ideia. E para nossas referências ocidentais de urbanização, esse todo esteve apoiado nos padrões culturais da modernidade. Portanto, a ruptura não é superficial, mas estruturante e por isso requer posicionamentos claros diante de seus efeitos, o que implica conhecê-la com profundidade. Justificativa mais que plausível para a presente obra.

Em resposta às inúmeras crises dos séculos XVIII e XIX, entre elas as de moradia, sanitária e de circulação, as experiências da modernidade foram, paulatinamente, consolidando um ideário baseado no domínio das técnicas sobre a natureza para formular intervenções que garantissem forma e função à totalidade da cidade. Do que resultou um paradigma de controle total como novidade e ideal de uma (nova) era industrial. Mais que projetos de cidades, essas experiências foram projetos de sociedade emanados, principalmente, da Europa e que depositaram expectativas utópicas na técnica, na ciência e no próprio homem. Aliás, um homem que também foi representado por um tipo único, o *Modulor*, do arquiteto franco-suíço Le Corbusier (1887-1965).

A partir de então, as interpretações sobre o espaço urbano buscaram leituras integradas sobre o centro e a periferia afim de compreender fenômenos como a segregação. E, no âmbito regional, a interpretação baseada

nas relações entre o lugar central e sua hinterlândia também explicou – e ainda explica – as relações de dependência entre espaços de produção e de consumo. Mas, a dimensão planetária da urbanização tem reconhecido uma nova ordem urbana pelas megalópoles, cidades-regiões, cidades mundiais ou cidades globais. Essas interpretações confirmam mudanças tão estruturais que, parece-nos, a ideia de unidade que esteve na base do projeto de modernidade está fissurada requerendo novos artifícios para sua compreensão.

É onde nos encontramos: diante do desafio de interpretar a contemporaneidade no momento presente.

Desafio enfrentado pelo Projeto Temático FAPESP "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdo" que o faz por planos analíticos desenvolvidos por cinco dimensões empíricas: habitar, consumir, trabalhar, lazer e mobilidade. Sediado na UNESP de Presidente Prudente, reuniu mais de 180 pesquisadoras e pesquisadores em torno do objetivo de compreender as lógicas atuais a partir das quais as cidades brasileiras estão organizadas. Embora seus resultados sintetizem seis anos de pesquisa (entre 2018 e 2024), esses resultados carregam uma bagagem de um arco cronológico muito mais amplo de estudos pioneiros como, por exemplo, aqueles que consolidaram uma definição de cidade média como cidades que exercem papel de intermediação na rede urbana; pesquisas que definiram o espaço residencial fechado como um paradigma do *habitat* contemporâneo; e as pesquisas sobre a função das redes de comércios e serviços na estruturação urbana e regional.

Tem investigado as relações da fragmentação socioespacial como um processo que não ocorre isolado e nem substitui a relação centro-periferia, mas explica movimentos contemporâneos nos estudos urbanos. Alguns poderão dizer que se trata de um trabalho de cidades médias, o que não seria justo com seu objeto de análise. O trabalho busca a visão totalizante do Brasil urbanizado e nessa busca encontra a fragmentação de suas cidades como uma possível resposta. E por isso o faz pelas suas partes, dentre as quais, também as cidades médias. Mas, avança pelas conceituações de polos urbanos, capitais estaduais, distritos periféricos, regiões de influência de cidades e regiões metropolitanas. Desse conjunto, sobressaem análises sobre o espaço público, sobre a habitação, sobre a mobilidade, sobre Estado e mercado, sobre o local e o global.

Inúmeros produtos e discussões compõem seus resultados e um deles é o presente livro. As trajetórias de seus autores passam pelas áreas da geografia, economia, políticas públicas, sociologia, história, planejamento urbano e regional, arquitetura e urbanismo. Articulam várias redes por diálogos permanentes com CEMESPP, GAsPERR e ReCiMe; por cruzamento de informações com CEM-Cebrape, IPEA, LEPUR e Mikripolis; ou por articulações com as universidades envolvidas no projeto. E tem conexões por leituras nacionais e estrangeiras, essas especialmente por contribuições da Alemanha, Argentina, Bélgica, Chile, Espanha, Equador, França, Itália, México, Portugal e Reino Unido. Esse arcabouço diverso de referências resulta em textos críticos da contemporaneidade principalmente sobre a desigualdade e a segregação o que, por si, valeriam os esforços. Mas, há um adicional.

As análises são feitas pela lente escalar e possibilitam afirmar que há uma mudança na forma de organização das cidades analisadas. E embora essa mudança não exclua as formas herdadas do passado, comprovam a importância de novas abordagens interpretativas. É nesse aspecto em que a escolha pela lente escalar é certeira, porque não necessariamente é uma análise por tamanhos e dimensões como se suporia em se tratando de "escala", mas por relações entre partes. Escala é sinônimo de relação, e se a fragmentação pode ser genericamente definida por divisão em partes, a análise escalar possibilita observá-las (as partes) pelas relações entre si demonstrando como elas passam a reestruturar os modos de vida nas cidades. Afinal, não é porque a realidade é fragmentada que sua análise também deva ser.

O que o livro nos mostra, portanto, é que a condição fragmentária das cidades – e especificamente a fragmentação socioespacial – somente é compreensível pelo entendimento das relações entre centralidades (multi ou pluri), entre hierarquias que ocorrem simultaneamente e entre trajetos cotidianos menos previsíveis que os pendulares. Por isso, podemos afirmar que o que permeia esse livro é a forma inescapável de interpretar a realidade urbana brasileira pela escala, mais precisamente pelas escalas no (e do) território.

O livro é mais que uma coletânea de capítulos porque, primeiro: integra um conjunto de quatro livros formulados conjuntamente. Segundo: seus capítulos interagem entre si e respondem a questões comuns que são questões do grupo de pesquisadoras e pesquisadores que trabalharam com banco

de dados, entrevistas, grupos focais, cartografias, percursos acompanhados, netnografia e análise de dados georreferenciados e de redes sociais comuns a todos. Terceiro: seu apêndice, que é formado por mapas; e as referências bibliográficas, que são básicas à pesquisa, transitam pelos capítulos. Quarto: o ponto de partida para as leituras territoriais segue uma convenção de reconhecer a estruturação intraurbana, o papel do município na rede urbana e os níveis urbano-rural-natural predominantes em cada caso.

Mas, evidentemente, esses elementos não garantiriam coesão. Nesse aspecto, a coesão é amalgamada por uma quinta estratégia: a metodologia. As pesquisas e investigações ocorreram sobre dez recortes territoriais (municípios de Chapecó/SC, Dourados/MS, Ituiutaba/MG, Marabá/PA, Maringá/PR, Mossoró/RN, Presidente Prudente/SP e Ribeirão Preto/SP; e os distritos de Pimentas no município de Guarulhos-SP e de Cidade Tiradentes no município de São Paulo/SP). E embora cada capítulo cruze dois ou mais desses recortes que resulta em conclusões próprias, essas conclusões colaboram na construção do argumento central que justifica a expressão "multiescalar" do título do livro. Assim, são proporcionadas leituras com muitos pontos de tangências que formam uma teia complexa de análise que não tem o objetivo de encerrar, mas contribuir com um debate que já era eminente.

O livro - de uma maneira particular - e a pesquisa - de uma maneira geral - embasam argumentos que podem ser requeridos para um aprofundamento por outras frentes de investigações. Nas análises feitas, estão evidentes as funções do mercado, das lógicas de produção, da relação espaço-tempo, da questão fundiária (essa, sempre central), das dimensões da cidade (média, metrópole) e suas áreas de influência, das políticas públicas setoriais, da habitação, dos agentes e das relações de classe. O *habitat* é algo bem mais amplo que a habitação e contribui para as descontinuidades, segmentações e interrupções do projeto comum das cidades. E as constatações demonstram que fronteiras e limites são efêmeros e estão em constante movimento comprovando novos modos de vida nas cidades.

Veja-se o papel das infraestruturas nas cidades contemporâneas. Embora sua natureza funcional implique em integração de sistemas e redes técnicas, a forma como tem sido planejada e implantada pelas políticas públicas ou pelas regulações estatais de agentes privados induz a uma fragmentação socioespacial. E não há contradição nisso, porque o regime democrático e o federalismo descentralizado, diante da fragilidade interfederativa, reque-

rem uma difusão das ações de governo para, entre outras finalidades, lhes garantir o poder.

Nesse sentido, o livro reforça que, embora possa parecer paradoxal, a fragmentação depende de articulações e conexões (por infraestruturas, por planos ou por símbolos) para se manter como referência dessa nova forma de vida. Por isso os fluxos (intra e inter) urbanos são fundamentais. E, a rigor, a fragmentação decorre de um processo contemporâneo de construção das cidades pela produção do espaço vinculado às forças hegemônicas que preferem romper o paradigma da unidade para ampliar seus domínios.

Como relações difusas, as fragmentações constituem estruturas materiais da cidade, dinâmicas demográficas e conflitos sociais também difusos. Essa é uma questão central do livro e que o distingue dos demais. E dessa questão é possível arriscar um entendimento, entre tantos outros apresentados, que compreende a fragmentação socioespacial como um fenômeno derivado de forças centrífugas de simultâneos agentes e ações que proporcionam a produção do espaço pelo rompimento estrutural com a unidade de pensar e concretizar cidades. Anteriormente, mais centradas no Estado, no mercado, no latifúndio e/ou no autoritarismo; agora, as relações são marcadas por controles e poderes que repercutem em mais agentes, disputas e conflitos. Essas disputas e esses conflitos estruturam novos projetos de sociedade (empreendedora, neoliberal, segmentada etc.) que intensificam condições históricas de segregação social e desequilíbrio regional por modos de vida diversos e desiguais. Mas, sempre com seletiva escolha locacional para garantir privilégios.

A lógica desse novo padrão vincula-se a uma urbanização geral dentro do processo de acumulação. É representativa da crise do projeto moderno de sociedade que impõe nova ordem política, econômica e cultural. Perpassa pelo declínio da esfera pública que contribui com a ascendência do consumo. É heterogênea, possibilita diferentes hierarquias, simultaneidades e transitoriedades de relações e uma complexidade de articulações frágeis cujos rompimentos incidem sobre as classes de renda mais baixas. É uma nova lógica do próprio modo urbano de vida que sem mudar o que conhecemos por cidade, opera com velhos instrumentos e novas tecnologias para transformar os significados dos lugares, das paisagens, dos espaços e dos territórios.

Por fim, e retomando nosso argumento inicial, o livro permite compreender a fragmentação socioespacial na contemporaneidade iluminando, nas ruínas da memória, uma ideia do que é, ou do que teria sido, a unidade como um projeto de sociedade e demonstrando como a fragmentação passou de uma forma para uma condição urbana. Entender esse momento é fundamental para avançar às mudanças. Pois, num movimento recíproco, faz valer para os tempos contemporâneos aquilo que valeu para o passado, segundo Karl Marx (1818-1883), de que tudo que é sólido desmancha no ar. O que nos coloca na perspectiva subversiva de uma permanente reconstrução do que as forças hegemônicas insistem em fragmentar para dominar.

Prof. Dr. Jeferson Cristiano Tavares, 2025

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP – São Carlos